

A large black silhouette of a woman carrying a child on her back. The woman is holding a round object in her right hand. The text is overlaid on the silhouette.

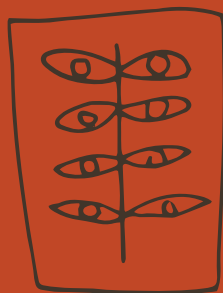
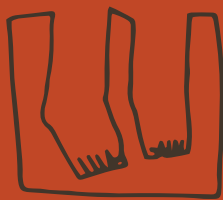
coração
na aldeia
pés no mundo

TERRITÓRIO

&

MULHERES





DE 8/11/22

A 30/4/23

Sesc Piracicaba

TERRA MATER

A preservação de territórios é imprescindível para a vida. Determinante para a dignidade, subsistência e sobrevivência de povos, hábitos e culturas ancestrais, a relação da terra com seus habitantes não pode ser negada. Questão especialmente sensível para os povos indígenas que, há séculos, têm suas terras invadidas e maculadas por interesses que comprometem sua conservação.

Sob o signo do progresso e desenvolvimento são ignoradas existências que ocupam o território chamado Brasil muito antes dele ser assim reconhecido. Formas linguísticas, costumes, ritos, alimentação, organização política, social e religiosa variadas, que interpretam a realidade de maneira própria e integrada com o espaço que ocupam.

Contudo, falta o reconhecimento da importância dos povos originários, que nos ensinam como nos relacionar com o ambiente sem degradá-lo, que nos mostram uma cosmovisão alternativa de mundo, ampliando as possibilidades de interação com o meio em que se vive. Garantir a sobrevivência desses povos e de seus modos de vida é obrigação de todos que têm a diversidade como valor.

E nessa frente estão as mulheres indígenas, cuja participação tem sido fundamental na proteção de seus povos, fortalecendo e valorizando o conhecimento tradicional, garantindo as práticas dos saberes ancestrais, da espiritualidade e da cultura de seus antecessores como forma de respeito a suas existências. Nesse contexto, a exposição *Coração na aldeia, pés no mundo* traz produções artísticas que remetem aos territórios indígenas, bem

como aos corpos e simbologias que os ocupam e que neles são originados. Com curadoria de Fabiane Medina e Fabiana Bruno, são apresentadas obras elaboradas tanto por artistas indígenas quanto não indígenas, reunidas sob o título homônimo do livro de Auritha Tabajara que inspirou a exposição.

Entendendo o respeito às diversidades ambientais, humanas e socioculturais como elemento fundamental para a convivência em sociedade, o Sesc oferece atividades que convidam seus públicos a refletir sobre a preservação da vida em todas as suas formas.

Sesc São Paulo



CORAÇÃO NA ALDEIA, PÉS NO MUNDO



A luta pelo direito à terra, protagonizada há pelo menos cinco séculos por populações indígenas no Brasil, é, antes de um fato histórico, um lugar de invisibilidade que tenta deturpar a lógica da expropriação material e imaterial dos povos originários no Brasil. É sabido que a ausência de circulação de conhecimentos sobre os povos indígenas neste país é desproporcional aos embates vividos pela perpetração da violência sombria e silenciosa que se instala nos mais diversos campos da sociedade brasileira. Ainda nos dias atuais, com a escassez de espaços culturais para abrigar a produção contemporânea indígena, telas em branco, textos ausentes e paredes nuas reforçam a indiferença das grafias da história, marcando um desengajamento calculado que coloca à margem uma rica produção artística que retrata os modos de vida e as culturas dessas populações.

Coração na aldeia, pés no mundo inspira-se na obra homônima da intelectual contemporânea e escritora indígena Auritha Tabajara, filha do povo Tabajara, da região do Estado do Ceará. A exposição trata da epistemologia vernacular das mulheres indígenas, convidando o público a pensar a terra como lugar primordial do universo simbólico feminino para as civilizações indígenas, bem como nas formas de resistência diante da expulsão dos territórios, a partir da migração, da expropriação do garimpo e da instalação de uma cultura agroexcludente, que culmina no genocídio e no epistemicídio dos povos indígenas.

As obras contemporâneas e de afirmação artística produzidas por indígenas de diversas cosmologias – em associação a produções de

artistas não indígenas – fazem parte de um gesto de sublevação que ecoa das lutas corpóreas. Essas lutas foram trazidas pelas mulheres em seus inventários de perdas, procurando expressar vínculos do equilíbrio entre feminino e masculino, conforme retratado por artistas que trazem à tona a riqueza e o sofrimento da mãe-terra.

Imagens marcantes – como o episódio de Tuíra, liderança originária do povo Kayapó, ao empunhar um facão e encostar a lâmina no rosto do diretor da Eletronorte, José Antônio Muniz Lopes, durante debates sobre a construção da usina de Belo Monte em 1989 – estão no núcleo central do projeto curatorial desta mostra e seguem como ícones de resistência, como a 1ª Marcha das Mulheres Indígenas, realizada em 2019 sob o lema “Território: nosso corpo, nosso espírito”, demarcando a luta das mulheres indígenas na atualidade. Em suma, *Coração na aldeia, pés no mundo* projeta a herança das mulheres indígenas e traz à luz uma carga de conteúdos ainda não revelados. Um repertório grávido de alusões, que expande a leitura deste símbolo que as mulheres representam no Ocidente para além de relações binárias, procurando conferir um status de equilíbrio entre o feminino e o masculino, no direito à terra e à sabedoria vernacular.

Fabiana Bruno e Fabiane Medina
Curadoria

ARTISTAS PARTICIPANTES

ALIÃ WAMIRI GUAJAJARA

(TERESINA, PI | 1983)

Mora com um grupo de 20 integrantes da aldeia urbana Ukair, em Teresina (PI). Ativista, feminista, representante e pesquisadora sobre povos indígenas e residência contemporânea, atua como educadora artística, produtora cultural, ilustradora de literatura infantil e contadora de histórias, além de ser autora de projetos culturais e curadora de exposições de artes visuais. Formada em artes visuais e em educação artística pela Universidade Federal do Piauí (UFPI), é também pós-graduada em educação profissional no Instituto Federal do Piauí (IFPI). Em seus trabalhos, busca afirmar percursos de resistência étnica, interculturalidade e identidade.

ANNA BELLA GEIGER

(RIO DE JANEIRO, RJ | 1933)

Artista plástica, escultora, pintora, gravadora, desenhista, artista intermídia e professora. Foi uma das primeiras artistas a ter engajamento com a arte abstrata no Brasil, participando da histórica e inaugural exposição de arte abstrata no país, em Petrópolis (RJ), em 1953. Desde o começo dos anos 1970, no seu foco conceitual, vem utilizando vídeo, arte postal e diversas outras mídias, entre as quais incluem-se desde o desenho e a pintura a objetos híbridos que denomina de Fronteiriços e de Rolos. Na maioria das vezes lida com conceitos oriundos da cartografia, nos seus aspectos geopolíticos, a que a crítica chama de “geopoética”.

ARISSANA PATAXÓ

(PORTO SEGURO, BA | 1983)

Formada em artes plásticas pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia (UFBA), Arissana desenvolveu projetos voltados para a arte-educação. Tornou-se mestre em estudos étnicos e africanos (2012), participou do I Salão de Arte Indígena na Bahia (2016), da Mostra de Cinema em Ouro Preto (2017) e compôs a exposição coletiva *Pimeässä en ole nelirajainen* (No escuro eu não tenho quatro membros), no Centro Trøndelag para Arte Contemporânea de Trondheim, Noruega (2018). Mais recentemente, organizou a exposição *Resistência*, como parte do Fórum Social Mundial de 2018, na Bahia.

AURITHA TABAJARA

(IPUEIRAS, CE | 1981)

Auritha é seu nome ancestral. Escritora, primeira cordelista indígena no Brasil e contadora de histórias, é também autora da obra paradigmática *Magistério indígena em verso e poesia*, editada e adotada pela Secretaria de Educação do Ceará (2007). Em 2018 publicou diversos textos em antologias indígenas e em revistas online. Em 2019 publicou o cordel *Coração na aldeia, pés no mundo*, que dá nome a esta exposição, e dois folhetos: *A grandeza Tabajara* e *A sagrada pedra encantada*.

BENILDA KADIWÉU

(ALVES DE BARROS, MS | 1987)

Formada no curso Povos do Pantanal, específico para dar aula em aldeia indígena, é graduada em design pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). Utiliza a pintura corporal kadiwéu para manter viva sua ancestralidade indígena.

CILDO MEIRELES

(RIO DE JANEIRO, RJ | 1948)

Escultor e pintor brasileiro, mundialmente reconhecido. Suas obras e instalações buscam a sensorialidade, trazendo questões como a ditadura militar e a dependência do Brasil em relação à economia global, e estão situadas entre a arte neoconcretista, do início dos anos 1960, e a arte conceitual, permitindo diálogos com as questões poéticas e sociais do país, questionando conceitos gerais da estética e do objeto artístico.

CLAUDIA ANDUJAR

(NEUCHÂTEL, SUÍÇA | 1931)

Fotógrafa e ativista suíça, naturalizada brasileira. Trabalhou para publicações nacionais e internacionais, como as revistas *Realidade*, *Claudia* e *Life*. Desde a década de 1970 se dedica à defesa dos Yanomami, tema central de seu trabalho. Teve obras expostas na 24ª Bienal Internacional de São Paulo (1998), quando apresentou imagens de

cor sépia, com grandes intervenções de luz, explorando os olhares e gestos dos indígenas.

DENILSON BANIWA

(BARCELOS, AM | 1984)

Natural da região do Rio Negro, interior do Amazonas. Artista visual, atualmente reside no Rio de Janeiro. Seus trabalhos expressam sua vivência enquanto ser indígena do tempo presente, mesclando referências tradicionais e contemporâneas indígenas e se apropriando de ícones ocidentais para comunicar o pensamento e a luta dos povos originários em diversos suportes e linguagens, como canvas, instalações, meios digitais e performances.

EDGAR KANAYKŌ XAKRIABÁ

(TERRA INDÍGENA XAKRIABÁ, SÃO JOÃO DAS MISSÕES, MG | 1990)

Pertence ao povo indígena Xakriabá, no Estado de Minas Gerais. É mestre em antropologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e tem atuação livre na área de etnofotografia, como “um meio de registrar aspectos da cultura e da vida de um povo”. Em suas lentes, a fotografia torna-se uma nova “ferramenta” de luta, possibilitando ao “outro” ver com outro olhar aquilo que um povo indígena é.

FRANS KRAJCBERG

(KOZIENICE, POLÔNIA - RIO DE JANEIRO, RJ | 1921 - 2017)

Foi um escultor, pintor, gravador e fotógrafo nascido na Polônia e naturalizado brasileiro. Sua carreira artística se inicia no Brasil em 1948, ano em que chega ao país depois de perder a família em um campo de concentração durante a Segunda Guerra Mundial. Em 1951, participa da 1ª Bienal Internacional de São Paulo, com duas pinturas. Posteriormente reside no Rio de Janeiro (RJ), em Paris (França), em Ibiza (Espanha), em Casa Branca (MG) e em Nova Viçosa (BA), sempre fiel a uma concepção de arte relacionada à pesquisa e à utilização de elementos da natureza. A paisagem brasileira, em especial a Floresta Amazônica, e a defesa do meio ambiente marcam toda a sua obra.

GEORGE LOVE

(CHARLOTTE, EUA - SÃO PAULO, SP | 1937 - 1995)

Fotógrafo, foi o fundador, em 1963, da The Association of Heliographers, ao lado de Minor White e Paul Caponigro em Nova York. Em 1966, muda-se para o Brasil, onde passa a integrar a equipe de fotógrafos da revista *Realidade*, realizando também trabalhos para as revistas *Claudia* e *Quatro Rodas*. Publica os livros *Amazônia*, em parceria com Claudia Andujar, e *Water* (ambos em 1978); *São Paulo: Anotações* (1982); e *Alma e luz* (1995). Foi editor das revistas *Novidades Fotoptica* (1970) e *Revista de Fotografia* (1971/1973), além de

coordenador no laboratório e em cursos do Museu de Arte de São Paulo (Masp), entre 1970 e 1980.

GISELA MOTTA & LEANDRO LIMA **(SÃO PAULO, SP | 1976)**

Trabalharam em dupla de 1997 até 2018 e participam de diversas mostras coletivas no Brasil e exterior. Em 2012, foram finalistas do Nam June Paik Award e participaram da exposição *Território de contato*, no Sesc Pompeia (SP). Receberam o prêmio CIFO 2010, da Cisneiros Fontanals Art Foundation, e em 2014 participaram do programa de residência da Bienal de Vancouver. Em 2017 realizaram a exposição individual *Verso* na Young Gallery em Los Angeles e participaram da *Simultaneous Eidos – Guangzhou Image Triennial 2017*, em Guangzhou, China. Possuem participação em diversas exposições coletivas, entre as quais se destacam a 1ª Bienal Fin del Mundo, em Ushuaia, Argentina, e a 10ª Havana Biennial, em Havana, Cuba.

HENRY MÄHLER-NAKASHIMA **(ARAÇATUBA, SP | 1979)**

Doutorando em história social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), sua pesquisa investiga, sob uma perspectiva decolonial, a relação da Funai com os Waimiri-Atroari e seu território durante a ditadura civil-militar. Graduado em história pela Universidade Nove de Julho e mestre

em história pela PUC-SP, é integrante do Núcleo de Estudos de História Social da Cidade (NEHSC/PUC-SP) e membro do coletivo Ocareté.

JAIDER ESBELL

(NORMANDIA, RR - SÃO PAULO, SP | 1979 - 2021)

Foi um pensador e artista multimídia do povo Makuxi. A cosmovisão de seu povo, as narrativas míticas e a vida cotidiana nas Amazônias compõem a poética de seu trabalho. Definindo suas práticas artísticas e curatoriais como ativismo, a atuação de Jaider combinou discussões interseccionais entre arte, ancestralidade, espiritualidade, história, memória, política e ecologia. Em 2013 o artista fundou, em Boa Vista (RR), a Galeria Jaider Esbell de Arte Indígena Contemporânea. Contando com um dos maiores e mais importantes acervos de arte indígena do país, essa galeria dá continuidade ao legado de seu fundador, sendo a instituição responsável por seu espólio, além de apresentar também o trabalho de diversos outros artistas indígenas.

JULIA ZULIAN

(SÃO PAULO, SP | 1991)

Graduada em artes visuais e bacharel em arquitetura e urbanismo, é especialista em arte: crítica e curadoria. Fotógrafa e roteirista na Zulian & Sai Filmes, trabalha em projetos de cinema, publicidade e

videoarte, como as performances *Horta e Mamilas*, apresentadas no Festival Delas de 2018 e 2019, respectivamente, e o documentário *Yvoty Mbarete*, finalista do 9º Doc Futura, selecionado para o Rio Webfest e para o Vídeo Club.

KATIE MÄHLER

(KORBACH, ALEMANHA | 1985)

Fotógrafa documental e fotojornalista alemã formada pela Escola de Fotografia e Design Ostkreuz, em Berlim. Concentra seu trabalho nas questões indígenas, sociais, ambientais e de direitos humanos, especialmente no Brasil. Entre seus trabalhos estão *VAHINI*, fruto de sua convivência com os povos indígenas Deni e Kanamari, e registros das retomadas Guarani-Kaiowá, da Operação Sola Stella, na Libéria, com a organização Sea Shepherd, e da Brigada Amazônia, com a Mídia NINJA.

NAINE TERENA

(CUIABÁ, MT | 1980)

Doutora em educação, atua como docente na Faculdade Católica de Mato Grosso. É pesquisadora do grupo de pesquisa Multimundos Brasil e realiza consultorias, assessorias e projetos para instituições/veículos através da Oráculo Comunicação, Educação e Cultura. É uma das organizadoras do livro *Povos indígenas no Brasil: Perspectivas no fortalecimento de lutas e combate ao preconceito por meio do audiovisual*. Foi palestrante (arte-ativismo) no Verbier Art

Summit 2019, na Suíça, e esteve no Vera List Center (Nova York/2019) como uma das finalistas do Jane Lombard Prize for Art and Social Justice. Foi curadora da exposição *Véxoa: Nós sabemos*, na Pinacoteca de São Paulo (2020), e uma das cinco premiadas da 9ª Mostra 3M de Arte, instalada no Largo da Batata (SP) em 2019.

PRISCILA TAPAJOWARA (SANTARÉM, PA | 1993)

Nasceu nas margens do rio Tapajós na cidade de Santarém (PA). Fotógrafa, cineasta, produtora de audiovisual, militante das lutas indígenas e ativista climática, já trabalhou com diretores como Carlos Magalhães e Jorge Bodanzky, além de ser colaboradora da página Mídia Índia, de notícias sobre a causa indígena. Tem um sonho: produzir um cinema cem por cento indígena. Através de suas fotos e vídeos, busca mostrar sua região, com seus moradores, seu cotidiano, suas tradições, histórias, lutas e resistência.

RÁDIO YANDÊ (2013)

Criada em 13 de novembro de 2013, no Rio de Janeiro, pelo Grupo de Comunicação Yandê, é a primeira empresa de comunicação e rádio web indígena do Brasil. Tem uma programação voltada para a educação e a cultura indígenas através da ótica tradicional, mas agrega a velocidade e o alcance da tecnologia e da internet, propondo

uma programação colaborativa feita por correspondentes indígenas espalhados por todo o país. Seu objetivo é uma mídia livre, que traga para o público a realidade indígena do Brasil, capaz de desfazer estereótipos e preconceitos ocasionados pela falta de informação especializada em veículos de comunicação não indígenas.

SALLISA ROSA (GOIÂNIA, GO | 1986)

Atualmente vive no Rio de Janeiro (RJ). Formada em jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO) e mestre em criação e produção de conteúdo audiovisual pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), atua com a arte como caminho a partir de experiências intuitivas ligadas à ficção e à identidade. Sua prática circula entre fotografia e vídeo, mas também instalações e obras participativas.

VANESSA PATAXÓ (PORTO SEGURO, BA | 1996)

Pertence à aldeia Pataxó de Coroa Vermelha, localizada no extremo sul da Bahia, no município de Santa Cruz Cabrália. Na língua de seu povo, o Patxôhã, seu nome é Aniênã, que significa o mês de agosto. Militante jovem indígena, usa a fotografia como ferramenta de luta. Atualmente concluindo a graduação em fisioterapia na Universidade Federal da Bahia (UFBA), participa do Pet Comunidades Indígenas da UFBA, grupo de pesquisa voltado

para temáticas indígenas, é integrante do Observatório de Saúde indígena, desenvolve pesquisa e ensino nas diferentes comunidades indígenas com a temática “saúde indígena” e compõe a equipe de comunicação do Movimento Unido dos Povos e Organizações Indígenas da Bahia (MUPOIBA).





Com a colonização, iniciou-se a era de solidão e sofrimento das mulheres, motivando a marginalização e a violência promovidas pelo racismo e por todas as formas de intolerância, inclusive aquelas referentes à espiritualidade e às culturas indígenas. O tema da migração imposta, ressaltado por Eliane Potiguara, intelectual e escritora do povo Potiguara, evidencia que a expropriação de território nunca cessou e ainda no século XXI promove intenso êxodo de mulheres e famílias. Ameaçadas cultural e espiritualmente, essas famílias passam a viver em contexto urbano, muitas vezes experimentando a exclusão social e étnica, apartadas de seus laços e heranças cosmológicas e ancestrais.





**TERRITÓRIO
CORPO – SANGUE**



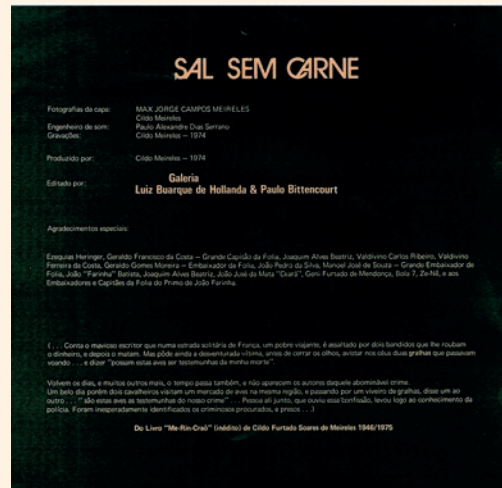
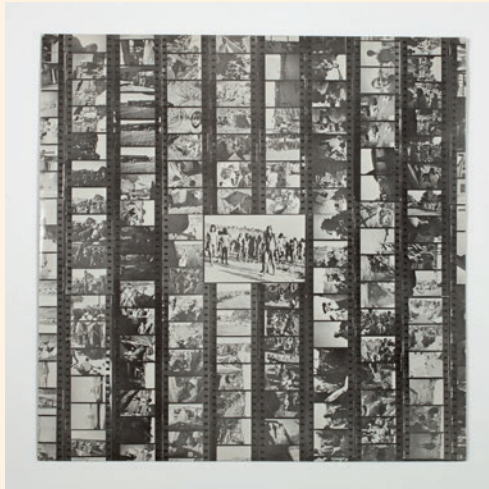


ANNA BELLA GEIGER

HISTÓRIA DO BRASIL: LITTLE BOYS & GIRLS – 1, 2 E 3 | 1975

Obra integrante de um projeto maior, intitulado História do Brasil, conta de forma crítica a história da relação colonial e dos massacres dos povos indígenas no Brasil.

FOTOGRAFIA
38 X 34 CM CADA



CILDO MEIRELES

SAL SEM CARNE | 1975

Disco de vinil gravado em oito canais com registros sonoros reproduzidos em um LP (rádio-relógio, entrevistas com lideranças indígenas e romarias) e encartes fotográficos.

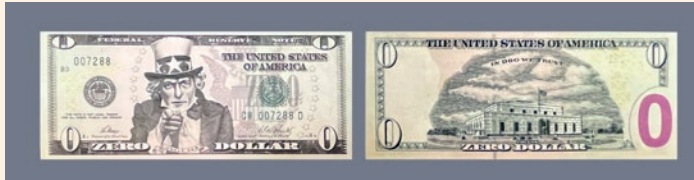
Edição: 500 cópias.

OBRA SONORA

31 X 31 CM CADA ENCARTE



1



2



3



4



5

1, 2 e 3

CÉDULAS IMPRESSAS EM OFFSET
6,5 X 15,5 CM; 6,8 X 15,7 CM;
6,4 X 14,1 CM

4 e 5

METAL

1,5 CM E 1,3 CM DE DIÂMETRO

CILDO MEIRELES

1 ZERO CRUZEIRO | 1974-1978

2 ZERO DOLLAR | 1978-1984

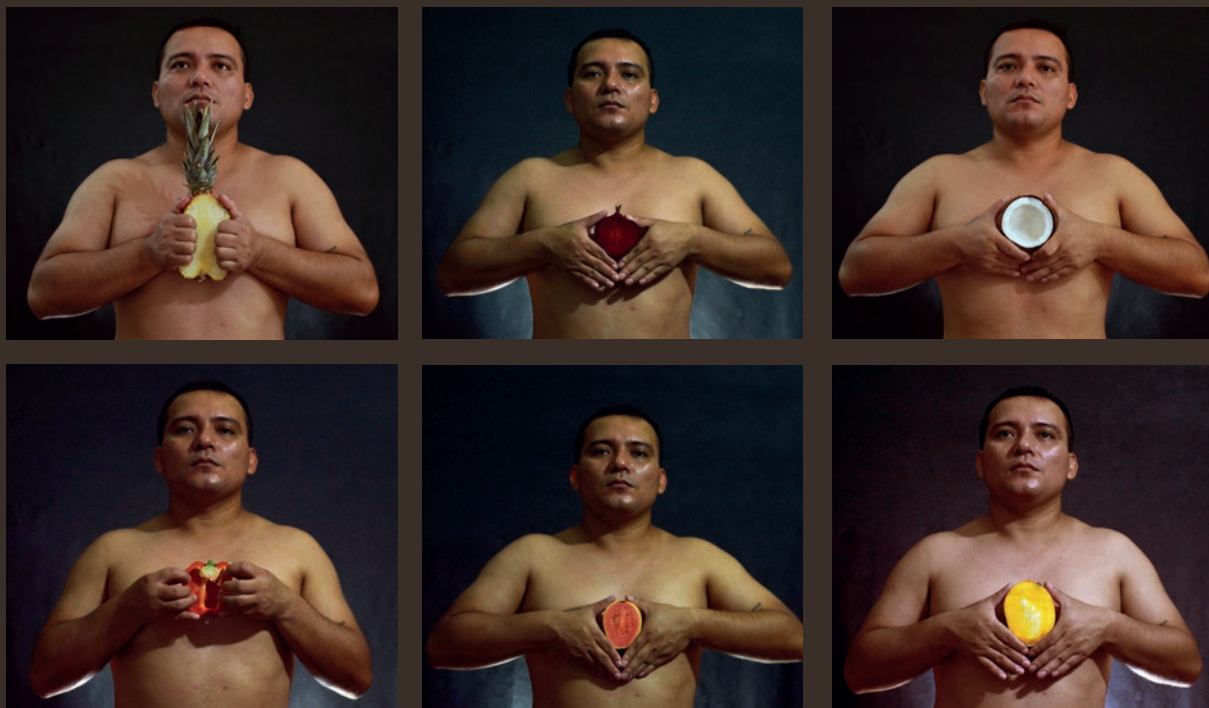
3 ZERO REAL | 2013

4 ZERO CENTAVO | 1974-1978

5 ZERO CENT | 1978-1984

Obra composta por cédulas impressas em offset e moedas fabricadas em metal. São dois conjuntos, um relacionado ao Brasil e outro aos Estados Unidos. Ambos discutem a categorização, o valor das coisas nos sistemas culturais e a colonização, a partir do marco "ZERO" no dinheiro. As imagens do homem indígena e do homem "louco" questionam a marginalização e a invisibilidade de grupos. A obra interpela ainda signos e discursos oficiais da sociedade norte-americana.

Instalação com série de cédulas.



DENILSON BANIWA

RELACIONAMENTOS AGRO (TÓXICOS) | 2019

Esta obra é um misto de sentimentos e pode ser interpretada de várias maneiras. Eu quero pensar que ela fala sobre como Nós somos aquilo que comemos, somos construídos do que nos alimentamos, e isto vai desde o alimento em si envenenado com agrotóxico até aquilo de que nos alimentamos subjetivamente. O que lemos e o que assistimos, o que ouvimos, o que consumimos de entretenimento, o que é nosso veneno por escolha própria. Além disso, fala de como alimentamos relacionamentos que nos envenenam. Relacionamentos tóxicos, no trabalho, no dia a dia, na roda de amigos, na cama e nos negócios. Estamos em tempos em que tomamos coragem de denunciar abusos de poder e abusos em relacionamentos, o que é bom para que se crie um sentimento coletivo de empatia, porém o que sobra disso tudo é uma ferida aberta que não se cura sozinha. Daí partimos pra novos tóxicos que aliviam, ou que a gente finge que aliviam. Estamos doentes, seja pelo alimento no prato ou pelo alimento social. É urgente que tomemos consciência disso.

FOTOGRAFIA

30 X 30 CM CADA

DENILSON BANIWA

NATUREZA MORTA INFOGRAVURA – ARARA | 2016-2017-2019

NATUREZA MORTA INFOGRAVURA – ONÇA | 2016-2017-2019

A obra apresenta várias vistas aéreas da Floresta Amazônica, que normalmente são utilizadas como provas visuais do desmatamento galopante da área. Numa inversão do sentido primeiro dessas imagens, a vista aérea das manchas do desmatamento é manipulada para representar a forma de corpos ameaçados, como o da onça-pintada ou da arara. A marcação da ausência aufere aqui um sentido duplo e dinâmico: a ameaça aos modos de existir indígenas liga-se à biodiversidade em/com que coabitam. Assim, a vista aérea de manchas da terra descoberta assalta e consome a visão do verde, e é nesse entrelaçamento que surge a miragem de um corpo indígena na mata.

FOTOGRAFIA

42 X 59 CM CADA





DENILSON BANIWA

PRIMEIRA MISSA NO BRASIL | 2019

Ressalta a implementação do cristianismo em terras indígenas, a dominação do território e a escravização dos Guaranis nas plantações de cana-de-açúcar, em contraponto às “homenagens” aos indígenas presentes em marcas de produtos como açúcar, cachaça e outros.

INSTALAÇÃO COM MADEIRA E PACOTES DE AÇÚCAR
1,60 X 1,60 X 1,70 M



DENILSON BANIWA

EKÚKWE (A TERRA ENVENENADA E COM ODOR DE MORTE) | 2018

A obra retrata os ataques químicos às populações Guarani-Kaiowá perpetrados por fazendeiros no estado do Mato do Grosso do Sul ao longo dos anos 2000. Durante a Guerra do Vietnã, na década de 1970, o herbicida Agente Laranja era usado como desfolhante em áreas de floresta para que os soldados americanos pudessem ascender mais facilmente aos territórios em disputa. Apesar de os efeitos nocivos desse herbicida já serem conhecidos, os ataques químicos atuais às populações indígenas no Brasil são realizados sem pudor, conectando arquivos e histórias que, à partida, não estariam relacionadas.

PINTURA ACRÍLICA SOBRE TECIDO

1,60 X 2,50 M

DENILSON BANIWA

AZOUQUE 80 | 2018

O vídeo faz uma crítica sobre as questões ambientais como a mineração em terras indígenas. As iscas artificiais da pesca aparecem ao lado de um copo supostamente cheio de mercúrio (ou azougue, como também é conhecido), metal tóxico utilizado nas atividades de garimpo e que contamina rios como o do território Yanomami. Como trilha de fundo, a voz do presidente Bolsonaro defende a atividade do garimpo e da pesca. O número 80, além de ser uma referência à década em que mais houve problemas com a mineração em terras indígenas, também é o número atômico do mercúrio na tabela periódica.

VIDEOINSTALAÇÃO, VIDEOPERFORMANCE

HD VÍDEO, 16:9

COR, SOM, 4'29"





DENILSON BANIWA

O AGRO MATA! | 2018

Denilson Baniwa situa a monocultura do agronegócio junto com outros frutos do colonialismo, que igualmente tentam exterminar a diversidade para afirmá-la em uma só espécie, um só Deus, uma só língua. O deserto verde de um campo de soja aparece como uma “terra envenenada com odor de morte”. Só mesmo um golpe publicitário conseguiria fazer o agronegócio (latifúndio modernizado, o que há de mais velho no Brasil) passar por pop.

PINTURA ACRÍLICA SOBRE TECIDO

1,54 X 0,95 M

DENILSON BANIWA

SÉRIE MIMÉTICA E RESISTÊNCIA: AKANGATÁRA | 2022

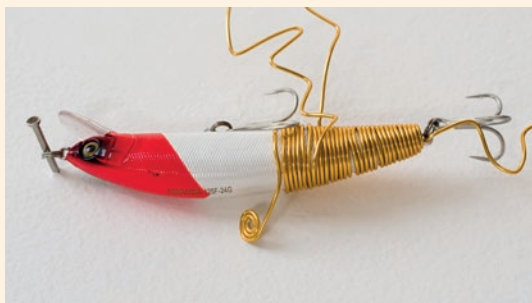
INSTALAÇÃO COM 5 COCARES

12 A 15 CM DE DIÂMETRO E 15 A 20 CM DE ALTURA CADA

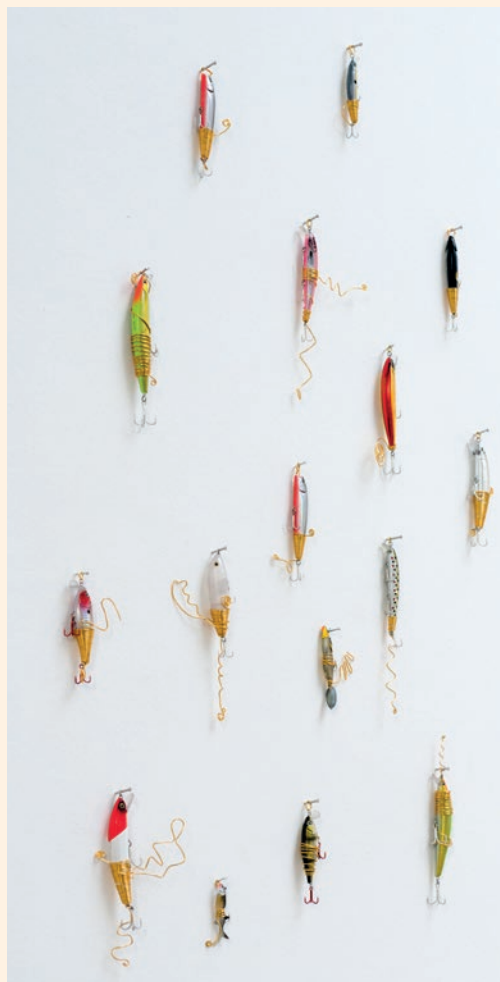


Fotos de
Gustavo Paixão





Fotos de
Gustavo Paixão



DENILSON BANIWA

SÉRIE MIMÉTICA E RESISTÊNCIA 2-MERCÚRIO: DIAS DE UM FUTURO ESQUECIDO | 2022

INSTALAÇÃO COM 16 ISCAS DE PEIXE
5 A 7,5 CM CADA



CLAUDIA ANDUJAR, GISELA MOTTA & LEANDRO LIMA

Crédito: Cortesia dos artistas e Galeria Vermelho

YANO-A | 2005

A instalação foi desenvolvida a partir da apropriação de uma fotografia em preto e branco tirada em 1976 por Cláudia Andujar, retratando uma maloca Yanomami incendiada. Gisela Motta e Leandro Lima buscaram atualizar o instante em que a imagem foi registrada. De maneira analógica, criaram um movimento a partir das distorções geradas pela refração dessa fotografia ao ser projetada através de uma camada de água em constante movimento. Essa distorção emula o crepitar do fogo e as refrações de calor que sobem do solo, colocando o espectador diante do momento em que a maloca queima.

VIDEOINSTALAÇÃO

1,35 X 2,40 M



CLAUDIA ANDUJAR

Coleção da artista. Cortesia Galeria Vermelho

FISCAIS. DA SÉRIE TOOTOTOBÍ | 2010

A série Toototobi (2010) demarca o ativismo da artista e sua fidelidade com a luta dos povos Yanomami. As fotografias foram produzidas em 2010 durante uma assembleia da Hutukara Associação Yanomami.

IMPRESSÃO COM TINTA PIGMENTADA MINERAL
SOBRE PAPEL HAHNEMÜHLE PHOTO RAG 315G
40 X 30 CM CADA

CLAUDIA ANDUJAR

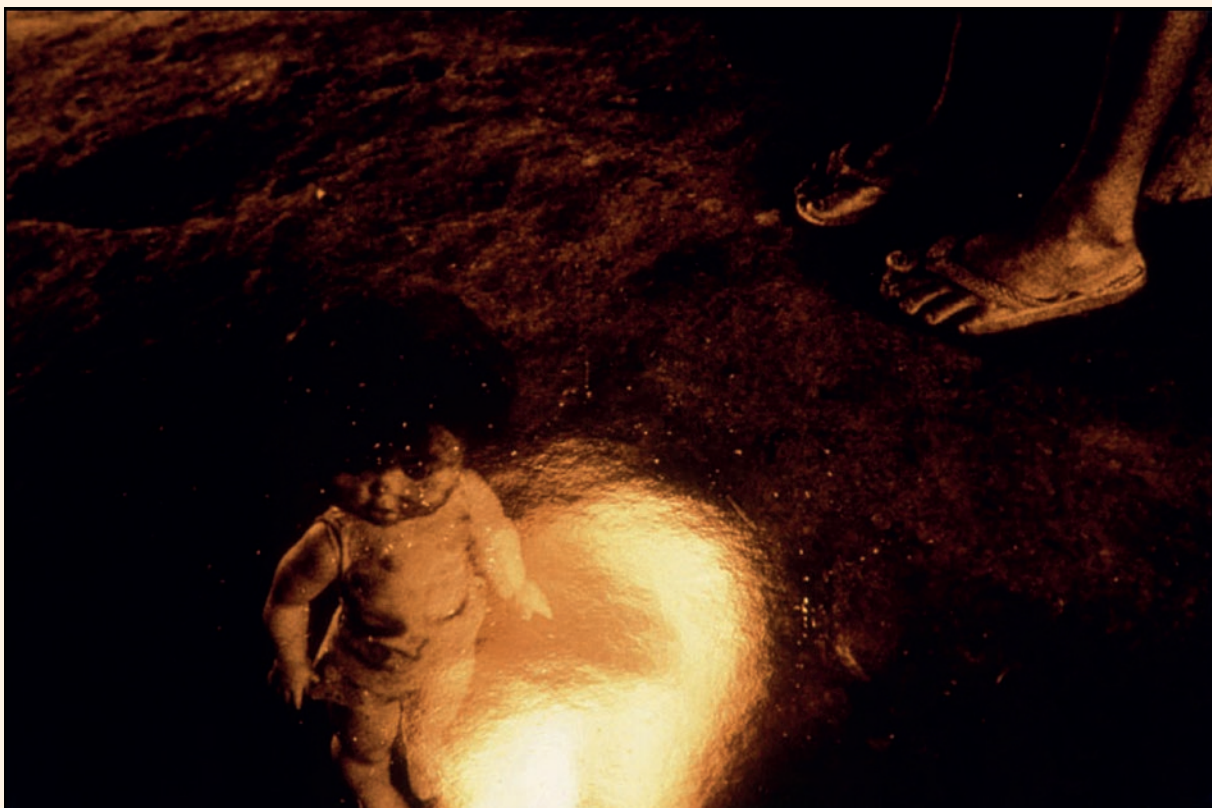
Coleção da artista. Cortesia Galeria Vermelho

FOTOGRAFIA

65 X 100 CM CADA

GARIMPO, ERICÓ – DA SÉRIE DESCAMINHO | 1980-1989

A série fotográfica Descaminho (1980-1989) denuncia a violência contra os Yanomami, durante a construção da Rodovia Perimetral Norte e a exploração do território pelos garimpeiros.



MULHER DA VIDA – DA SÉRIE DESCAMINHO | 1980-1989

Coleção da artista. Cortesia Galeria Vermelho



GARIMPO DE OURO, PAAPIU – DA SÉRIE DESCAMINHO | 1980-1989



CLAUDIA ANDUJAR

Coleção da artista. Cortesia Galeria Vermelho

VERTICAL 10 – DA SÉRIE MARCADOS (ERICÓ) | 1983-1984

57 X 38,5 CM CADA (POLÍPTICO COM 8 PARTES)

VERTICAL 14 – DA SÉRIE MARCADOS (SURUCUCUS E AJARANI) | 1983-1984

57 X 38,5 CM CADA (TRÍPTICO)

A partir de 1973, durante os anos do “milagre brasileiro”, o território Yanomami na Amazônia brasileira foi invadido em decorrência da abertura de uma estrada. Com a mineração e a procura de ouro, diamantes e cassiterita, diversos garimpos floresceram. Muitos indígenas foram vitimados, marcados por esses tempos obscuros. A artista na época, junto com médicos, foi uma das organizadoras de expedições de socorro. Uma das atividades era fazer o registro das comunidades. Como os Yanomami não têm nomes próprios como os nossos, a alternativa foi marcá-los com números, indicando “vacinado”. Nessa tentativa de salvação, criou-se uma analogia entre a identidade Yanomami e a identidade usada pelo homem branco. Não se trata de justificar a marca colocada em seu peito, mas de explicitar que ela se refere a um terreno sensível, que pode suscitar constrangimento e dor. E esse sentimento ambíguo levou a artista a transformar o simples registro dos Yanomami na condição de “gente” – marcada para viver.

AMPLIAÇÃO FOTOGRÁFICA ANALÓGICA COM GELATINA DE PRATA SOBRE
PAPEL FIBRA ILFORD MULTIGRADE MG IV, PESO DUPLO, MATE, COM
TRATAMENTO E BANHO DE PRESERVAÇÃO À BASE DE SELÊNIO

FRANS KRAJCBERG

FLOR QUEIMADA | 1990

Esta obra escultórica traz a dramaticidade e a angústia da vida que floresce em busca de arte. O tronco calcinado da obra de Frans Krajcberg, pintado em urucum vermelho, contorcido pela assimetria e pelo acaso que marcam a natureza, expressa a força da vida que floresce das cinzas resultantes de uma constante intervenção humana em ciclos naturais. Como se não houvesse distinção, das cinzas floresce a vida, a arte ávida, transformada e transformadora, mais forte e rude, como elemento transformador de nossas realidades.

MADEIRA CALCINADA E PIGMENTOS NATURAIS

370 X 110 X 80 CM

COLEÇÃO SÉRGIO CARIBÉ





NAINE TERENA

MINHA AVÓ FOI PEGA A LAÇO | 2019

Algumas narrativas foram tão naturalizadas no Brasil que mal se percebem as violências raciais e de gênero que elas carregam. “Minha avó foi pega a laço” é uma dessas frases reproduzidas diariamente sem que se tenha um reconhecimento da histórica agressão vivida pelos indígenas no passado e no presente. “Pegar a laço”, para quem profere tal sentença, significa dizer que se tem uma ascendência indígena, por parte de uma avó/bisavó indígena, mas de maneira não consentida, pois “pegar a laço” significa pegar o animal bravo, que apresenta resistência à dominação. Nesse contexto, esta obra lida com a subjetividade e a objetividade do assunto, através dos laços de cetim, com as cores designadas ao feminino (no Brasil), e os emaranhados do metal, que cercam e cerceiam o corpo indígena, assim como no ditado que dá nome à obra. *Minha avó foi pega a laço* dimensiona o racismo estrutural e a violência de gênero naturalizados em termos, ditos populares e atitudes enraizadas no imaginário nacional, que acabam reforçando a hostilidade aos povos indígenas.

INSTALAÇÃO COM FITAS DE CETIM, OBJETOS EM ARGILA, TELA DE ARAME E TECIDO
1,2 X 1,2 X 1,1 M

Uma visão mais sensível sobre o que os povos indígenas brasileiros conseguiram salvaguardar de seu universo material e simbólico não reflete outra configuração a não ser a resistência para preservar seus regimes e laços com a terra, seus ecossistemas psíquicos, e o enfrentamento constante da ameaça a seus direitos. Na luta pela defesa do território, reivindicar o direito à “mãe-terra” para as mulheres indígenas é como reivindicar o direito à sua própria essência. Fora de suas terras, a repressão à liberdade de usar o corpo como território repercute diretamente sobre a sua produção simbólica e cidadã. Trata-se de mecanismo de contenção, de opressão e de apagamento do sujeito social. Entre a seleção de obras, muitas delas remetem à mãe-terra para reforçar essa chave da cosmologia ameríndia, cujo simbolismo tem como referência o signo feminino da fertilidade, da transformação, mas também de resistência e resiliência. Essas obras resguardam o ato de reafirmação do tema da preservação do território como direito primal à manutenção de tradições culturais, patrimônio identitário original que define o direito de existir no tempo e no espaço de uma sociedade que deve comportar a diversidade.



TERRITÓRIO
CORPO – VIDA





...sem o nome designar como homem primitivo...
Ana Bella Geiger 1977

ANNA BELLA GEIGER

BRASIL NATIVO – BRASIL ALIENÍGENA - 1 | 1977

18 cartões-postais.

Impressão em papel.

FOTOGRAFIA

142 X 62 CM

ANNA BELLA GEIGER

BLONDE & BRUNETTE, INDIAN & INDIAN | 2014

Fotomontagem.

FOTOGRAFIA

80 X 65 CM



EDGAR KANAYKÕ XAKRIABÁ

UI KANÃ PATAXI ALDEIA IMBIRUÇÚ, POVO PATAXÓ/MG | OUTUBRO DE 2014

Casamento tradicional durante a festa das águas.

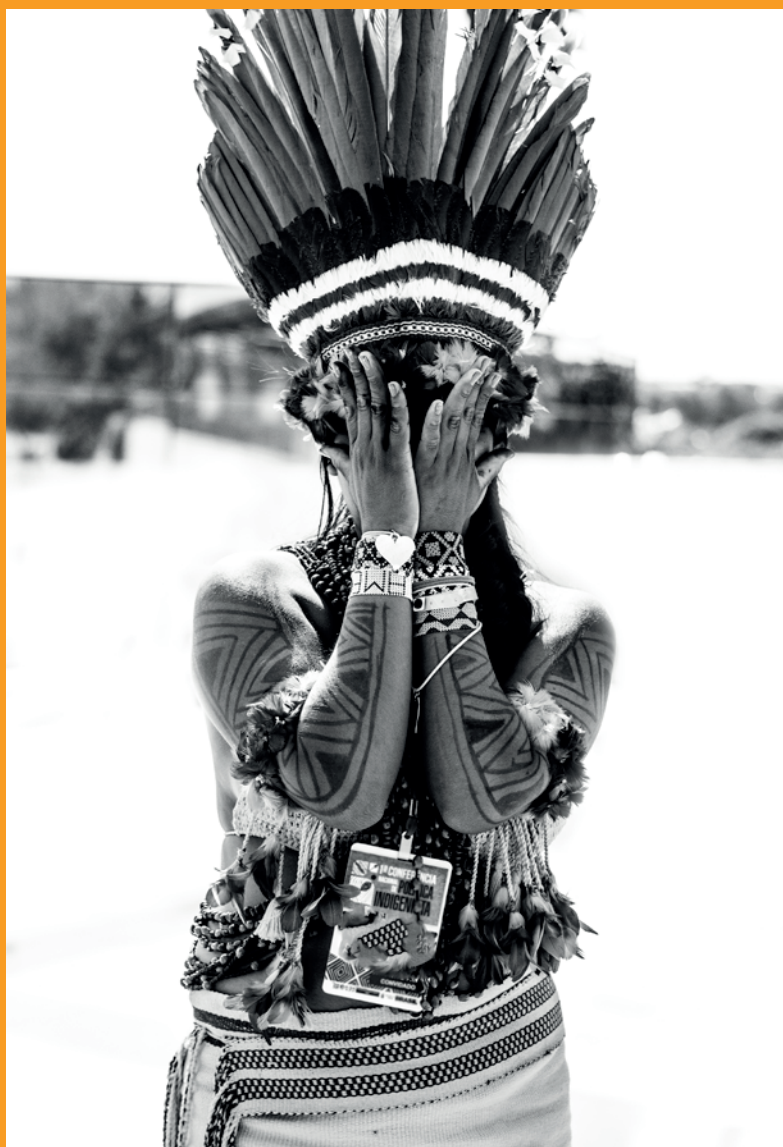
WAMHU: RESISTÊNCIA INDÍGENA

A série fotográfica lança visibilidade a uma parte dos modos que compõem o ser indígena, na ótica do território em que vivem e transitam, através de gestos, afetos, uma troca de olhar/enxergar, a partir da relação entre indígenas, fotografando e fotografados. O trabalho fotográfico aguça nossa visão com base em vários sentidos, dando força e resistência aos povos indígenas frente aos retrocessos do Estado brasileiro.

FOTOGRAFIA DIGITAL

68 X 45 CM





EDGAR KANAYKŌ XAKRIABÁ

KŌDI KMĀDĀKĀ, POVO HALITI-PARESI/MT | DEZEMBRO DE 2015

A mulher que não se deixa ver.

WAMHU: RESISTÊNCIA INDÍGENA

FOTOGRAFIA DIGITAL

58 X 40 CM



EDGAR KANAYKŌ XAKRIABÁ

ITÃO KUIKURO
POVO KUIKURO, XINGU | OUTUBRO DE 2013

WAMHU: RESISTÊNCIA INDÍGENA

FOTOGRAFIA DIGITAL
30 X 40 CM

EDGAR KANAYKŌ XAKRIABÁ

TIKMU'UN
POVO MAXAKALI/MG | JULHO DE 2015

E nos deram espelhos.

WAMHU: RESISTÊNCIA INDÍGENA

FOTOGRAFIA DIGITAL

83 X 55 CM



EDGAR KANAYKŌ XAKRIABÁ

KRIZAWRE
TERRA INDÍGENA XAKRIABÁ | JANEIRO DE 2019

Cosmoarquitetura. Casa de cultura da Terra Indígena Xakriabá.
WAMHU: RESISTÊNCIA INDÍGENA

FOTOGRAFIA DIGITAL
73 X 55 CM



EDGAR KANAYKŌ XAKRIABÁ

WAITÔMŌRĨ: MORADA DOS ANCESTRAIS

WAMHU: RESISTÊNCIA INDÍGENA

FOTOGRAFIA DIGITAL

87 X 130 CM





EDGAR KANAYKŌ XAKRIABÁ

SUBZARI HUKU

TERRA INDÍGENA XAKRIABÁ | ABRIL DE 2011

Cavalo pintado de onça.

WAMHU: RESISTÊNCIA INDÍGENA

FOTOGRAFIA DIGITAL

30 X 40 CM



EDGAR KANAYKÕ XAKRIABÁ

WDÊKRA

TERRA INDÍGENA XAKRIABÁ | OUTUBRO DE 2013

Uma típica árvore do cerrado, que se destaca pela sua floração branca em meio à estação seca.

WAMHU: RESISTÊNCIA INDÍGENA

FOTOGRAFIA DIGITAL

57 X 90 CM

EDGAR KANAYKŌ XAKRIABÁ

MULHERES INDÍGENAS – REFLORESTAMENTO PARA A
CURA DA TERRA | 2021

WAMHU: RESISTÊNCIA INDÍGENA

FOTOGRAFIA DIGITAL

53 X 80 CM





FOTOGRAFIAS DIGITAIS
37,5 X 30 CM CADA



EDGAR KANAYKŌ XAKRIABÁ

IHEX MAXAKAL | 2016

WAMHU: RESISTÊNCIA INDÍGENA

FOTOGRAFIA DIGITAL
60 X 90 CM

CLAUDIA ANDUJAR

Coleção da artista. Cortesia Galeria Vermelho

MATURACÁ | 1971

Em 1971, Cláudia Andujar entraria em contato pela primeira vez com os Yanomami, algo que mudaria sua trajetória de vida. A artista comenta: "[...] Eram índios quase de primeiro contato. Suas imagens contêm uma intimidade e uma cumplicidade ímpares ao retratar esse outro modo de vida, ameaçado pelos projetos de expansão rodoviária que objetivavam a exploração da Amazônia".

FOTOGRAFIA

103 X 138 CM



FAMÍLIA BORORO – DA SÉRIE BORORO BOE, PERIGARA, ESTADO DO MATO GROSSO | 1960

As primeiras imagens deste projeto foram feitas em uma aldeia indígena Bororo em Mato Grosso, onde a artista passou cerca de um mês. Foi apenas o início de uma aventura que durou mais de 50 anos e levou a artista a se tornar referência para a comunidade indígena brasileira, até ser ameaçada de morte pelos garimpeiros pela árdua defesa dos direitos dos povos originários. Suas imagens evidenciam o vislumbre do cotidiano das famílias indígenas.

FOTOGRAFIA

28 X 40 CM



CLAUDIA ANDUJAR

Coleção da artista. Cortesia Galeria Vermelho

RIO AMAZONAS | 1971

Os registros da artista Claudia Andujar são amplos, poéticos e de uma plasticidade estética única. Os aspectos sociais fundem-se com o ambiente que os circunda. Neste registro, o Rio Amazonas parece transformado com fortes contrastes e efeitos visuais que nos remetem ao onírico. Dessa forma, Claudia promove em sua obra um diálogo entre a luz “material” e a luz “simbólica”.

FOTOGRAFIA

103 X 151 CM





CLAUDIA ANDUJAR

Coleção da artista. Cortesia Galeria Vermelho

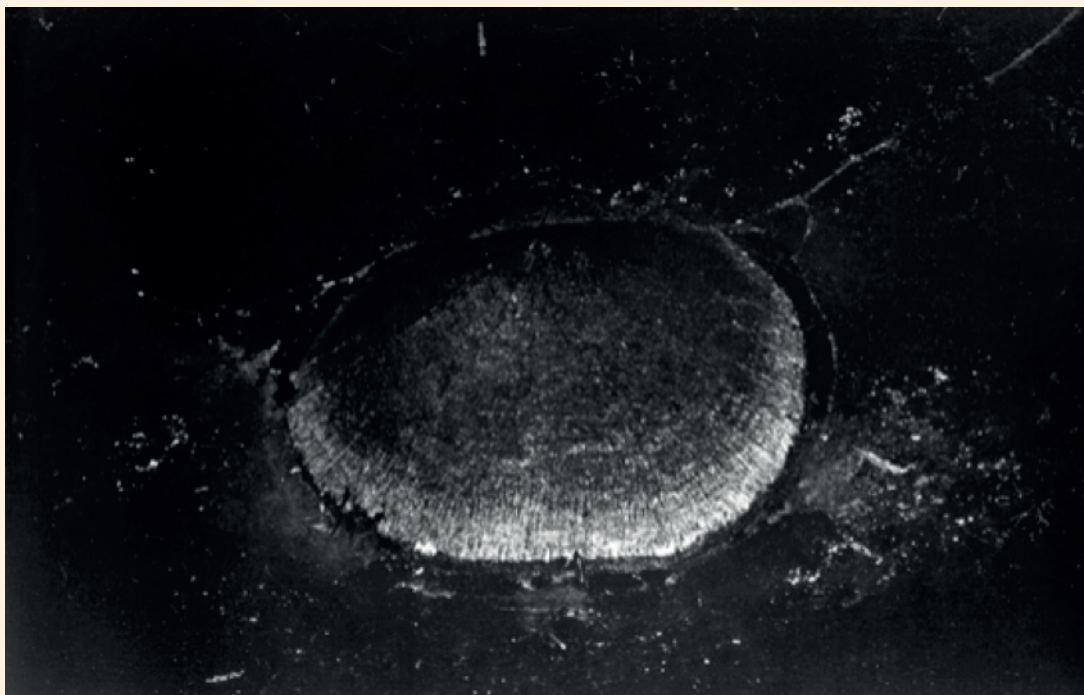
YANOMAMI. DA SÉRIE O INVISÍVEL OU O REAHU | 1974

Os xapiripê são percebidos sob a forma de humanoides em miniatura enfeitados de ornamentos cerimoniais coloridos e brilhantes. Sua dança de apresentação é comparada à ruidosa e alegre chegada de convidados, ricamente adornados, numa festa intercomunitária reahu. São, sobretudo, “imagens” xamânicas (utupé) de entes da floresta. Existem xapiripê de mamíferos, pássaros, peixes, batráquios, répteis, lagartos, quelônios, crustáceos e insetos. Existem espíritos de diversas árvores, das folhas, dos cipós, dos méis silvestres, da água, das pedras, das cachoeiras...

Muitos são também “imagens” de entidades e de personagens mitológicas. Existem também humildes xapiripé caseiros, como o espírito do cachorro, do fogo ou da panela de barro. Existem, enfim, espíritos dos “brancos” (os napénapéripê, mobilizados para combater as epidemias) e de seus animais domésticos.

FOTOGRAFIA

77 X 100 CM



CLAUDIA ANDUJAR

Coleção da artista. Cortesia Galeria Vermelho

YANOMAMI. DA SÉRIE A CASA | 1972

“A vida na casa comunitária representa o espaço comum, protegido, em que cada grupo familiar tem um lugar definido, porém onde todos convivem. São imagens caracterizadas pelo tratamento dramático da luz que filtra do cume e revela, aos poucos, a grandiosidade do espaço interior que relembra uma catedral. Feixes de luz investem as figuras que surgem de contornos negros profundos: certas imagens reforçam o discurso da imagem anterior dilatando-o, outras colhem momentos fugazes de intimidade, uma certa felicidade contagiante de existir ou a essência complexa de um rosto.”

CARBONCINI, Anna. Em busca de uma essência. In: ANDUJAR, Cláudia. *Yanomami*. São Paulo: DBA, 1998.

AMPLIAÇÃO ANALÓGICA COM GELATINA E PRATA SOBRE PAPEL FIBRA FOSCO ILFORD MULTIGRADE MG IV PESO DUPLO, TRATAMENTO E BANHO DE PRESERVAÇÃO A BASE DE SELÊNIO.

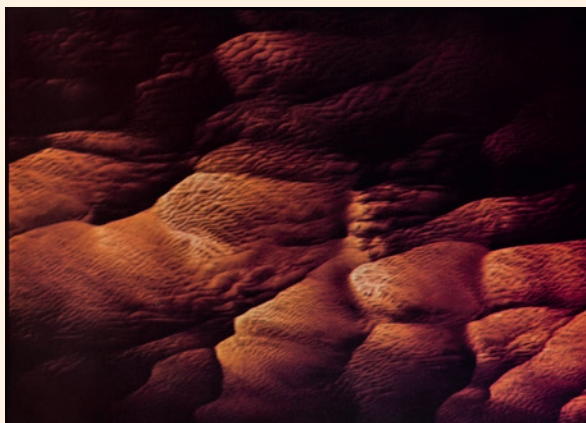
90 X 134 CM

LITORAL NORTE | 1968

Como se tivesse sido flagrada por crianças com câmeras fotográficas invisíveis, neste registro em preto e branco, a artista revela parte da essência de sua arte, que consegue traduzir o cotidiano em sua riqueza de detalhes e leveza.

FOTOGRAFIA
50 X 77,3 CM





CLAUDIA ANDUJAR E GEORGE LOVE

Coleção da artista. Cortesia Galeria Vermelho

AMAZÔNIA | 1978

O livro *Amazônia* (Praxis, 1978) é considerado uma obra-prima e desafiou a ditadura militar ao encomendar um prefácio (posteriormente censurado) ao poeta amazonense Thiago de Mello. A obra feita com mais de 150 imagens é também um manifesto contra a exploração desenfreada da Amazônia.

20 X 27 CM



PRISCILA TAPAJOWARA

BIBIYU GUERREIRA | 2016

As guerreiras (e também os guerreiros) munduruku são escolhidas na infância, passam por um ritual secreto e são ensinadas a lutar pelo seu povo e território. Nos eventos, se vestem com suas roupas e pinturas tradicionais. As pequenas guerreiras têm o papel de receber os convidados e deixar tudo organizado, o que é uma honra para elas.

FOTOGRAFIA

42 X 59 CM

PRISCILA TAPAJOWARA

BIBIYU IDIP | 2016

As crianças munduruku vivem livres, em total harmonia com a natureza. Os pais, os tios, os avós e os irmãos mais velhos as criam. Elas aprendem desde cedo sobre o respeito à floresta, aos rios, aos encantos e aos animais. Elas cuidam umas das outras, vão ao igarapé sozinhas, lavam louças e roupas, jogam bola e se penduram nas árvores, vão à escola e à roça.

FOTOGRAFIA

42 X 59 CM



PRISCILA TAPAJOWARA

GUDUPTI – VINHO DE BURITI | 2016

É durante a partilha nas reuniões que os munduruku podem se descontraír, sorrir, conversar e principalmente se alimentar, na maioria das vezes são servidos vinhos não alcoólicos feitos de frutos tradicionais. O buriti é um fruto da Floresta Amazônica bastante utilizado para fazer vinho e alimentar adultos e crianças.

FOTOGRAFIA

42 X 60 CM







PRISCILA TAPAJOWARA

JETITIM | 2016

Amamentar, cuidar de suas crias, participar das reuniões e lutas, fazer suas tarefas diárias são ações totalmente interligadas. As mulheres indígenas levam os filhos a todas as suas atividades cotidianas, como também nas reuniões e viagens. Eles estão presentes na luta desde cedo, porque a luta é para garantir que eles usufruam da natureza assim como todos os seus ancestrais. Eles precisam aprender a defender a mãe-terra desde pequenos.

FOTOGRAFIA
33,75 X 60 CM

VANESSA PATAXÓ

SÉRIE MEMÓRIAS. 1 | 2018

Mulheres da aldeia ajudam na preparação da noiva para o ritual de casamento tradicional Pataxó durante o 20º Aragwaksã.

As imagens foram feitas durante o Aragwaksã, festa tradicional do povo Pataxó celebrada todos os anos em 1º de agosto, na Reserva Pataxó da Jaqueira, em Porto Seguro. O Aragwaksã representa a conquista do povo Pataxó, reafirmação cultural, união e fortalecimento. Durante o festejo são realizados rituais de batismos, casamentos, caças, com a participação de toda a comunidade, com muitas cores, danças e cantos. A nossa cultura é preservada através da oralidade, mas hoje podemos preservar nossa história e contá-la através da fotografia e das diferentes formas artísticas.

FOTOGRAFIA

53 X 80 CM





VANESSA PATAXÓ

SÉRIE MEMÓRIAS. 2 | 2018

A felicidade da guerreira Mihaynã Pataxó durante o 20º Aragwaksã.

Na aldeia, nossas crianças aprendem desde pequenas os valores da nossa cultura e a importância de mantê-la viva e fortalecida. Nossas crianças são o futuro da nossa nação indígena, nós lutamos por elas e com elas. São nossas sementes, pois todas as grandes lideranças um dia foram crianças, por isso a importância da participação delas crescendo nesses diferentes espaços, tornando-se assim, lá no futuro, nossos grandes defensores e líderes das nossas comunidades.

FOTOGRAFIA
50 X 50 CM



BENILDA KADIWÉU

FOTO DE BENILDA KADIWÉU | 2020

Fotografia de pintura facial feita por mulheres.

Produção da foto: ÁLVARO HERCULANO DE SOUZA

FOTOGRAFIA
60 X 40 CM

JULIA ZULIAN

SÉRIE A(COR)DA TERRA | 2018

A(cor)da Terra é uma série fotográfica produzida durante a VI Kunãgue Aty Guasu – Grande Assembleia das mulheres Kaiowá e Guarani, que ocorreu em julho de 2018 na reserva indígena de Amambaí (MS). Essa assembleia é uma resposta de resistência das mulheres ao genocídio do povo indígena e uma interpelação direta às instituições da sociedade nacional pela garantia dos direitos dos povos originários.

As obras dessa série aqui expostas buscam mostrar o enraizamento dessa assembleia na ancestralidade, ao mesmo tempo que são um registro da exclusão dos grupos ancestrais da cidadania e do pertencimento nacional.

FOTOGRAFIA

33 X 50 CM





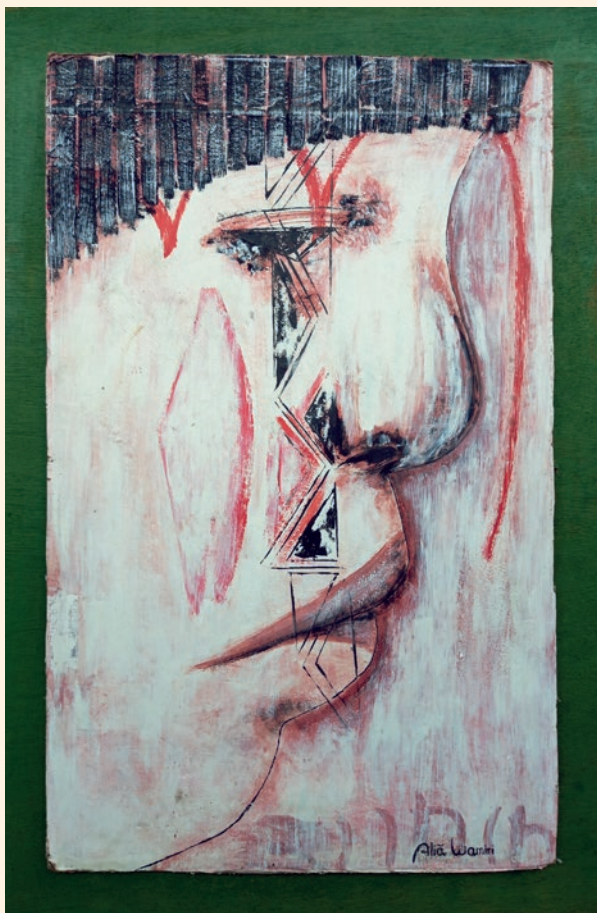
FOTOGRAFIA
33 X 50 CM



FOTOGRAFIA
20 X 30 CM



FOTOGRAFIA
31,5 X 21 CM



ALIÃ WAMIRI GUAJAJARA

UMUKATU / CURAR | 2006

A obra estabelece interlocuções com o universo sobrenatural, podendo recorrer à infinita sabedoria da natureza para propor a todos os Filhos da Terra o caminho de retorno às nossas origens, ao estado de consciência a partir do reequilíbrio entre corpo, mente, emoções e espírito. A cura para os povos originários é circular. Acredita-se que o ser humano e os animais estão habitando em círculo e que se consagram, recordam quem são, de onde vieram e para onde todos retornarão.

PINTURA ACRÍLICA SOBRE PAPELÃO

96 X 63 CM

ALIÃ WAMIRI GUAJAJARA

UKAIR I, II E III | 2018-2019

A série se chama Ukair, que significa grafismos ou desenhos. Ukair é um lugar de desenhos que guardamos e por meio dos quais expandimos os nossos saberes ancestrais indígenas. Pintar em paletes é marcar com o desenho o nosso território em uma célula morta, uma árvore plantada para morrer, um eucalipto regado para ser suporte. O palete não tem cheiro da floresta, é seco, é suporte de coisas.

As árvores são sagradas para os povos originários, por isso os rostos pintados em células mortas; as imagens são desenhos enraizados na madeira branca de eucalipto – um esforço para a memória afetiva lembrar o cheiro do eucalipto, aqui morto. Para nós, o incenso de eucalipto pode transportar a mente humana a regiões de maravilhas espirituais, despertando-nos a consciência, levando-nos ao mundo profundo e reconectando-nos aos ancestrais, aos seres, ao interior, à natureza e ao Universo. Pintar na célula morta é ressurgir em encantamento, porque os originários não morrem, “encantam-se”.

TÉCNICA MISTA (TINTA ACRÍLICA,
CINZA DE FOGUEIRA, PIGMENTO NATURAL,
PIGMENTO INDUSTRIAL)
80 X 66 CM CADA



coração

NA

ALDEIA

PÉS

NO

MUNDO

TERRITÓRIO VIDA – RESISTÊNCIA



Muitas são as formas de luta para as mulheres indígenas, e elas têm protagonizado esse enfrentamento de modo singular, adotando com dignidade e consciência seu lugar no mundo, mesmo estando em um estado de luto permanente. Um estado de perdas perenes. Essa situação se reforçou mais uma vez no final da década de 1980, quando os povos indígenas se levantaram esperançosos com os avanços da Constituinte de 1988 e sonharam com um espaço político mais digno no Brasil. Desde o registro simbólico e histórico, em 1989, do gesto da liderança kayapó Tuíra, os atos de resistência permanecem e encontram outras formas de materialidade contra uma inegável carga intencional de esvaziamento político, a começar pela baixa cobertura da grande mídia em relação aos movimentos. O ato de desafiar o Ocidente reverteu-se em uma resistência que, desde então, é retomada muitas vezes pelos movimentos de mulheres indígenas, que lutam, entre outras causas, pelo acesso ao território, fazendo nascer novas mobilizações em Brasília, como aconteceu em 2019 na primeira edição da Marcha das Mulheres Indígenas, cujo emblema era “Território: nosso corpo, nosso espírito”, ato que conjuga a luta das mulheres indígenas e a defesa do território na atualidade. Trata-se de ações de resistência das mulheres indígenas, que levantam suas vozes pelo direito inalienável à terra, às relações cidadãs, à ancestralidade e ao aspecto coletivo da família.

ARISSANA PATAXÓ

NA ROÇA | 2018

Através de linhas, cores, figuras, os trabalhos remetem à resistência e à diversidade dos povos indígenas que atualmente vivem em “solo brasileiro” e que constantemente estão unindo forças em um movimento coletivo para lutar em defesa dos seus direitos. São pinturas que variam de grafismos à figura humana em técnicas mistas e acrílicas sobre tela. As presentes obras fizeram parte da exposição *Resistência*, realizada na Universidade Federal da Bahia (UFBA), como parte das atividades do Fórum Social Mundial, que ocorreu em 2018 em Salvador.

PINTURA ACRÍLICA SOBRE TELA

80 X 60 CM





ARISSANA PATAXÓ

SEM TÍTULO | 2018

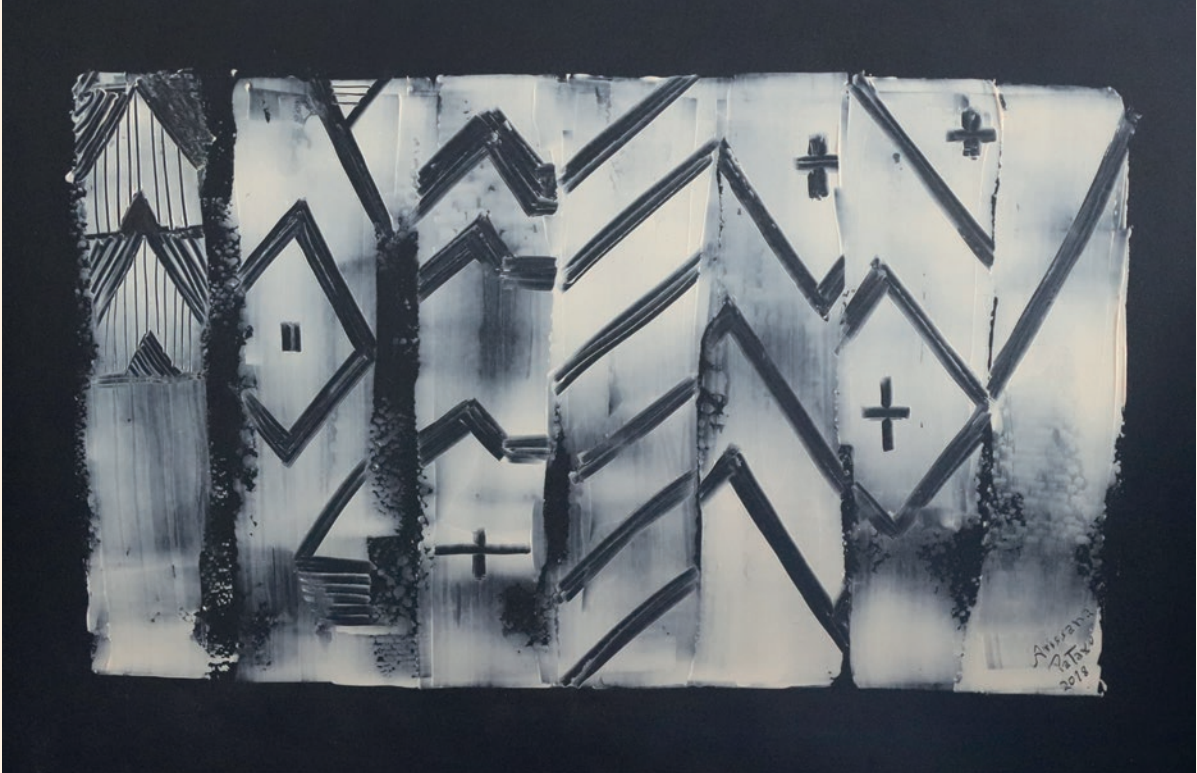
GRAVURA EM METAL
20 X 15 CM

ARISSANA PATAXÓ

MATIS | 2018

PINTURA ACRÍLICA SOBRE TELA
60 X 80 CM





ARISSANA PATAXÓ

TECIDO 1 E 2 | 2018

TÉCNICA MISTA SOBRE CHAPA DE EUCALIPTO
60 X 90 CM CADA



JAIDER ESBELL

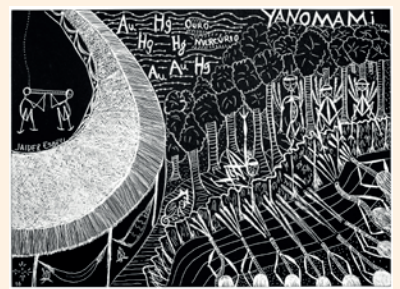
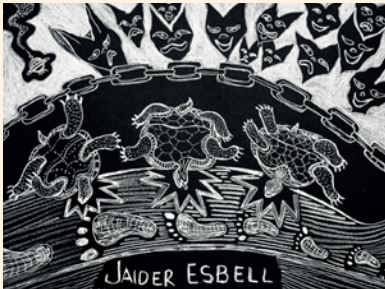
IT WAS AMAZON! – ERA UMA VEZ A AMAZÔNIA! | 2016

Coleção de 16 desenhos elaborados com técnica livre, sobre papel preto em tamanho A3, com tinta branca de caneta Posca. Os desenhos evidenciam a exuberância da Floresta Amazônica, dos seus seres, mitologias e mundos da Pan-Amazônia, que sofrem e agonizam diante de uma exploração perversa e desenfreada em prol de um sistema desenvolvimentista.

Da terra ancestral de seu povo, hoje terra indígena Raposa Serra do Sol, demarcada e homologada, Jaider Esbell leva, com suas obras de arte, a sua aldeia para o mundo. O artista trata de uma Amazônia atual, viva e agonizante e defende uma crítica à romantização que envolve a pessoa indígena, retratada pelo imaginário social como um ser afastado do cotidiano. Essas duas razões são peças fundamentais do seu trabalho.

Para o artista, essa crítica é importante para atualizar o imaginário social sobre o “índio”, e desta forma enxergar que as pessoas indígenas não se encontram isoladas na floresta, estando em todos os lugares, inclusive nas cidades, conectadas às redes plurais da contemporaneidade. A atualização desta ideia de “índio” como ser isolado, do passado, é vibrante em seu trabalho de arte indígena contemporânea, visto que renova a relação entre povos indígenas, modernidade, ciência e novas tecnologias, assim como propõe revolucionar no campo das artes.

FAC-SÍMILE, 31 X 43 CM CADA





AURITHA TABAJARA

CORAÇÃO NA ALDEIA, PÉS NO MUNDO | 2018

Em seu primeiro livro, a cordelista Auritha Tabajara se utiliza da força da palavra para ganhar o mundo. Em sua jornada, a força da mulher nordestina, indígena, sonhadora e guerreira se encontra com a sutileza poética, característica da autora. Ilustrado com xilogravuras de Regina Drozina, esta preciosa obra chega ao público através do selo Uk'a Editorial, reforçando seu compromisso com a literatura indígena contemporânea.

LIVRO IMPRESSO

25 x 19 CM

40 PÁGINAS

RÁDIO YANDÊ

SELEÇÃO DE PROGRAMAS | 2020-2022

A programação pode ser acessada online pelos visitantes via plataforma digital (totem).

TRANSMISSÃO DIGITAL
WWW.RADIOYANDE.COM





HENRY MÄHLER-NAKASHIMA

TUÍRE EM GERAÇÕES | 2019

Tuíre Kayapó compartilha suas experiências com diversas etnias e gerações durante os debates realizados entre as mulheres indígenas.

As fotos *Tuíre em gerações* e *Reflexo de Watatakalu* (p.82) foram registradas durante a 1ª Marcha das Mulheres Indígenas, realizada em Brasília entre 9 e 13 de agosto de 2019. Além de reforçar a luta dos povos indígenas como um todo, o evento é fruto dos esforços dessas mulheres, cujas demandas começaram a ganhar especificidades.

Sua força se manifestou na presença de mais de 2 mil mulheres de mais de 100 etnias, que participaram de debates e rodas de conversa para alinharem suas reivindicações; na ocupação da Secretaria Especial de Saúde Indígena, a SESAI, para que o governo mantivesse as particularidades que a saúde pública voltada aos indígenas deve ter; na presença em várias sessões no Congresso Nacional para debater diretamente com os políticos; na grande marcha que ocupou a Esplanada dos Ministérios.

As lutas pelo direito ao território, pelas culturas, por seu modo de viver, eram constantemente lembradas ao ecoarem o lema da marcha, “Território: nosso corpo, nosso espírito”.

FOTOGRAFIA

40 X 60 CM



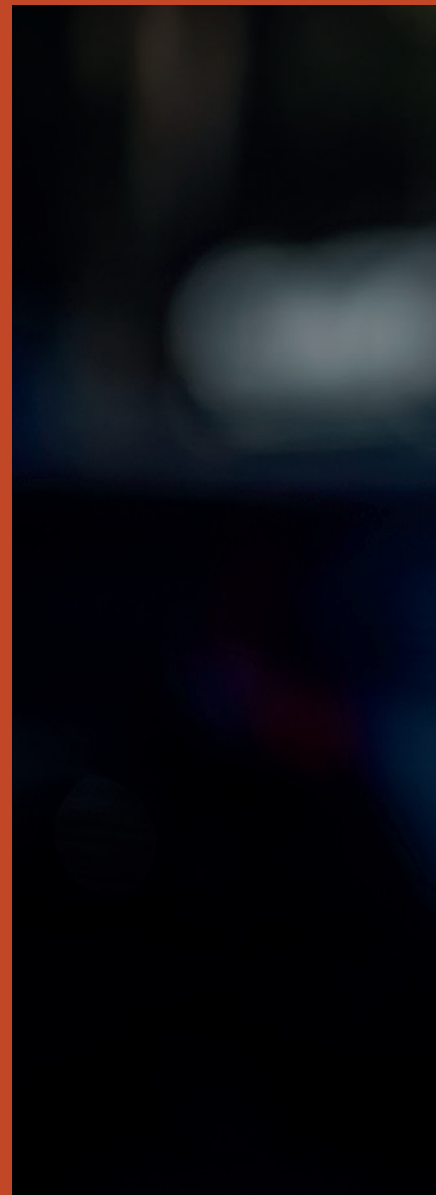
HENRY MÄHLER-NAKASHIMA

REFLEXO DE WATATAKALU | 2019

Watatakalu Yawalapiti, em um momento de concentração, se prepara com as tradicionais pinturas do Xingu para a marcha.

FOTOGRAFIA

40 X 60 CM







KATIE MÄHLER

RESISTIR PARA EXISTIR 1 E 2 | 2019

Aydé Krikatí à frente da 1ª Marcha das Mulheres Indígenas, realizada entre 9 e 13 de agosto de 2019, em Brasília. Sob o lema “Território: nosso corpo, nosso espírito”, o ato reuniu mais de 2 mil mulheres de mais de 100 etnias, para chamar atenção às suas reivindicações, que englobam saúde, território, protagonismo da mulher, alimentação, etc.

FOTOGRAFIA 1: 90 X 60 CM

FOTOGRAFIA 2: 70 X 105 CM



SALLISA ROSA

SÉRIE RESISTÊNCIA | 2017

Um dos utensílios mais antigos que existem, o facão é popularmente um símbolo de resistência, mas também de sobrevivência. Pode ser usado para ferir, mas também para abrir caminho nas matas, e é muito utilizado para trabalhos rurais e colheitas.

Inspirada na indígena Tuíra Kayapó, que em 1989 colocou um facão no rosto do presidente da Eletronorte como ato contra o impacto ambiental da construção da usina de Belo Monte no Pará, a artista recorre a diversos outros facões que são utilizados por pessoas que ela conhece para marcar a cidade. Ela acredita que, de alguma maneira, eles são capazes de afetar a ordem pública em diversos sentidos.

FOTOGRAFIA

30 X 42 CM CADA





REVISTA MANCHETE N. 1925 | 1989

Publicada em 11 de março de 1989.

Foto: Carlos Humberto TDC

Foto da indígena Tuíra, que encostou um facão no rosto do então diretor da Eletronorte, José Antônio Muniz Lopes, durante o 1º Encontro das Nações Indígenas do Xingu, em Altamira (PA), em protesto contra a criação da hidrelétrica de Kakaraó, atual Belo Monte.

Manchete

JAPAO
COBERTURA COMPLETA
O ADEUS A HIROHITO

SÃO PAULO
S.O.S. TIETÊ

Amazônia OS ÍNDIOS VÃO À GUERRA

A índia Taira, dos caiapos, ameaça com um facão o diretor da Eletonorte. Momento de tensão no encontro indígena de Allamira.

Nº 1.925 • RIO DE JANEIRO, 11 DE MARÇO DE 1989



medicina
AIDS AS DROGAS DA ESPERANÇA

TRÁFICO DE BEBÊS
A CONEXÃO BRASILEIRA

uma publicação **bloch**
NCZ\$ 2,00



SESC - SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO
Administração Regional no Estado de
São Paulo

PRESIDENTE DO CONSELHO REGIONAL

Abram Szajman

DIRETOR DO DEPARTAMENTO REGIONAL

Danilo Santos de Miranda

SUPERINTENDENTES

TÉCNICO-SOCIAL **Joel Naimayer Padula**

COMUNICAÇÃO SOCIAL **Ivan Giannini**

ADMINISTRAÇÃO **Luiz Deoclécio Massaro**

Galina ASSESSORIA TÉCNICA E DE

PLANEJAMENTO **Sérgio José Battistelli**

GERENTES

ARTES VISUAIS E TECNOLOGIA **Juliana**

Braga de Mattos ESTUDOS E PROGRAMAS

SOCIAIS **Cristina Riscalla Madi** ESTUDOS E

DESENVOLVIMENTO **Marta Colabone** ARTES

GRÁFICAS **Rogério Ianelli** SESC PIRACICABA

Fábio José Rodrigues Lopes

EXPOSIÇÃO CORAÇÃO NA ALDEIA,

PÉS NO MUNDO

CONCEPÇÃO **Fabiana Bruno, Fabiane Medina**

Cruz e Equipe Sesc Piracicaba CURADORIA

Fabiana Bruno, Fabiane Medina Cruz

EQUIPE SESC

Camila Amaral Tavares, Cristiane Ferrari,

Francisco Galvão de França, Gabriela Borsoi,

Iuri Domarco Botão, João Paulo L. Guadanucci,

Juliana Okuda Campanelli, Karina Musumeci,

Luciane Tosin Garcia Motta, Margarete Regina

Chiarella, Nilva Luz, Renato Oliani, Suellen de Sousa, Tatiana Amaral, Tina Cassie

COORDENAÇÃO EDUCATIVA **Carolina Velasquez**

IDENTIDADE VISUAL E PROJETO GRÁFICO

Dora Suh, Gustavo Caboco e Lucia Angélica

LETTERING **Giovana Angelo** MONTAGEM

CENOGRÁFICA **Castelo Cenografia** MONTAGEM

FINA **SuperArte Produtora – Alexandre Cruz**

PINTURA MURAL **Tomás Leme Simoni** PRODUÇÃO

EXECUTIVA **Clóvis Arruda – Terra à Vista** PROJETO

EXPOGRÁFICO **Bianca Crepaldi – Casarini Studio**

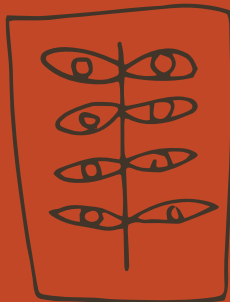
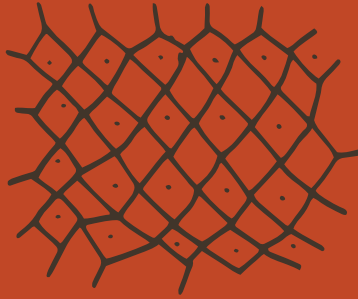
REVISÃO **Tatiana Vieira Allegro** TRANSPORTE DE

OBRAS **Millenium Transportes**

Todas as fotos reproduzidas neste catálogo são do acervo dos artistas, exceto: p. 32, Cortesia da Galeria Caribé; p. 33, Téo de Miranda; p. 62: Álvaro Herculano de Souza; p. 76 e 77, Cortesia da Galeria Jaider Esbell; p. 89, Carlos Humberto TDC.









Sesc Piracicaba

R. Ipiranga, 155 - Centro

Piracicaba - SP

Tel.: +55 19 3437 9292

   /sescpiracicaba

sescsp.org.br/piracicaba